

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, A SOCIEDADE E A NATUREZA

Mara Lúcia F. da Hora BERNADELLI*

Primeiramente, consideramos importante ressaltar que a Geografia pode ser considerada uma ciência relativamente recente, tendo em vista que sua sistematização ocorreu apenas a partir de meados do século XIX. Portanto, apesar do próprio nome desta ciência remontar à Antiguidade (etimologicamente o significado seria “descrição da Terra”), estando presente nas preocupações de diversos filósofos gregos, a Geografia só foi sistematizada/organizada como uma ciência autônoma com o advento da “Idade Moderna”

Isto ocorreu porque as diversas disciplinas na Antiguidade eram abordadas de modo conjunto (da Matemática à Geografia, da Geodesia à História, para citar alguns exemplos). Assim, não ocorria uma separação rígida, o que impedia o aprofundamento de certas abordagens, porém era grande o sentido de totalidade, inclusive a sociedade e a natureza estando muitas vezes integradas. Segundo Moraes (1981) e Andrade (1992) este período poderia ser chamado de “pré-história da Geografia” (de acordo com Nelson Werneck Sodré) e compreenderia relatos de viagens, de expedições de exploração, compêndios de curiosidades, etc.

Segundo A. C. R. Moraes (1981) para que houvesse a sistematização da Geografia (enquanto ciência autônoma) foi necessário o atendimento de algumas pré condições, quais sejam:

- 1) Conhecimento efetivo da extensão real do planeta, diretamente relacionado e possibilitado a partir do século XV com o início das grandes navegações (inclusive envolvendo o desenvolvimento técnico). Devemos lembrar que a formação dos impérios coloniais possibilitaram o conhecimento da diversidade do espaço, da natureza, das sociedades. Antes desse período apenas o “Velho Mundo” era relativamente conhecido (África, Europa, Ásia).
- 2) Formação de um repositório de informações sobre os variados lugares da Terra; a partir das expedições exploratórias e posteriormente científicas (financiadas, muitas vezes, com recursos dos Estados europeus, às vezes com a associação entre a burguesia – classe emergente – e o Estado monárquico). Devemos atentar que o interesse em tais expedições objetivava investigar as possibilidades de exploração dos recursos das áreas recém descobertas (metais preciosos e pedras – ouro, prata, diamantes; especiarias, madeiras). As expedições científicas (Alexandre von Humboldt chegou a participar de uma na Amazônia – “inferno verde”) objetivavam sistematizar melhor o conhecimento das “novas terras”. Logicamente, o desenvolvimento de um novo modo de produção (o capitalista) ensejava tais expedições, bem como a criação de institutos e universidades também deve ser destacado, na medida em que iniciou-se a formação dos bancos de dados (geográficos), permitindo maior aprofundamento a partir do material coletado.
- 3) O desenvolvimento da Cartografia e das técnicas de representação cartográficas (fato também destacado por Fernand Joly) que permitiu, juntamente com o desenvolvimento da imprensa no século XVIII a difusão e a reprodução, portanto maior acesso aos mapas.

* Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – SP – Brasil.

Devemos ainda destacar a passagem/transição do modo de produção feudal para o capitalismo; novas questões filosóficas sendo colocadas; a substituição da explicação teológica do mundo para a explicação baseada na razão (racionalismo científico), o desenvolvimento da teoria evolucionista (Darwin e Lamarck), da política (Rosseau, Montesquieu), do método (Descartes), da economia (A. Smith).

Alexandre von Humboldt e Karl Ritter são considerados os precursores da sistematização da Geografia, ambos de famílias da nobreza prussiana. Humboldt trabalhou principalmente com a Geografia Física enquanto Ritter dedicou sua obra principalmente à discussão metodológica e à Geografia Regional.

Para Moraes (1981), o início da dicotomia na Geografia está aí assentado, na medida em que já despontaram as duas vertentes a partir de suas obras: a Geografia Física (discussão sobre a natureza e a Geografia Geral) e a Geografia Humana (discussão metodológica e abordagem na perspectiva da Geografia Regional).

Moreira (1983), em "O que é geografia" aponta que não podemos entender a construção do pensamento geográfico sem atentarmos para a análise das questões políticas e geopolíticas subjacentes à formação das diferentes escolas (a escola alemã, a escola francesa, a escola anglo-saxônica), que permearam a história do desenvolvimento desta ciência.

A sistematização efetiva ocorreu com os trabalhos de Friedrich Ratzel, que vivenciou a constituição do Estado alemão (a Alemanha tornou-se um Estado tardiamente, em relação a outros países europeus, houve a penetração do modo de produção capitalista numa estrutura ainda feudal, ao mesmo tempo questões como o desenvolvimento do Estado e inexistência de colônias levaram a uma grande preocupação com a questão do espaço). Em toda obra de Ratzel aparece a preocupação em discutir o Estado e o espaço (sendo que tal relação até hoje desperta grande interesse dentro da Geografia). Ratzel desenvolveu sua obra a partir de três vertentes: 1) a discussão sobre a questão geopolítica, a partir da "teoria do espaço vital"; 2) um viés determinista, abordando as influências da natureza sobre a sociedade (a partir de certas contingências, mas que gerou debates "preconceituosos" ainda hoje presentes – para Moraes (1981), os discípulos enfatizaram com maior expressividade o determinismo geográfico); 3) uma vertente ecológica (a preocupação com os recursos existentes e as formas de relacionamentos diversos entre sociedade e natureza).

Portanto, Ratzel vivenciou a constituição do Estado alemão e sua obra veio a legitimar a ação expansionista do Império de Bismarck. A "teoria do espaço vital" serviu para justificar a invasão da Prússia sobre a França, e a apropriação das regiões da Alsácia e Lorena (ricas em carvão) pela Alemanha, fundamentais para o desenvolvimento industrial naquele momento.

Podemos estabelecer que a obra de Ratzel apontava para a importância da história, do homem (Antropogeografia) e portanto da sociedade, porém houve também a abordagem da natureza, a partir das influências desta sobre a sociedade e a discussão relacionando crescimento e desenvolvimento do país com a necessidade de maiores recursos naturais, legitimando o expansionismo e o imperialismo alemão. Estes três autores seriam os principais representantes do início do desenvolvimento da Geografia na Alemanha – Escola Alemã.

Segundo Moreira (1983), a perda dos territórios levou o Estado francês a também se preocupar com o desenvolvimento da Geografia. Criou-se os institutos e as cátedras de Geografia na França, fundando-se a Escola Francesa de Geografia (matriz inclusive da Geografia brasileira, a partir dos anos 30, século XX).

O maior expoente naquele momento foi Paul Vidal de La Blache que combateu a Geografia Alemã através da contraposição do Possibilismo (no dizer de Lucien Febvre, em que o homem poderia, a partir de sua capacidade criadora, dominar a natureza) ao Determinismo Geográfico. Vidal também combateu a excessiva politização do discurso de Ratzel, iniciando o questionamento sobre a neutralidade científica dentro da Geografia, porém, ao mesmo tempo em que combatia a "teoria do espaço vital", legitimava a ascensão da burguesia e o colonialismo francês (com a justificativa de que os povos das colônias deveriam ter acesso à cultura francesa e europeia, para saírem do estágio de barbárie).

Vidal e seus discípulos muito contribuíram para o desenvolvimento da Geografia Humana e Regional, inclusive a partir da obra "Geografia Universal"

Na década de 1930 o eixo principal da Geografia, segundo Moraes (1981), deslocou-se para os E. U. A. (relacionado à ascensão política, econômica e militar deste país). O maior destaque naquele momento ficou com Richard Hartshorne que, apoiado na obra de Alfred Hettner (alemão), desenvolveu nova forma de tratar as questões geográficas, sendo que a principal preocupação da Geografia seria a "diferenciação de áreas". Hartshorne desenvolveu toda uma metodologia para esta ciência, apontando que a questão do recorte territorial dependeria, fundamentalmente, do interesse do observador/pesquisador, questionando, assim, a neutralidade científica defendida por La Blache. A área era definida a partir de variáveis escolhidas pelo observador, contrariando a "existência real" das regiões preconizada pela Geografia Francesa

E preciso lembrar que em toda a discussão realizada até aqui, a Geografia apoiava-se no método positivista de análise (conhecimento a partir da realidade empírica).

O desenvolvimento da Geografia passou por um processo de renovação na década de 50 (segundo Moraes), com a emergência da Geografia Teórica ou Quantitativa. Este desenvolvimento também relaciona-se com o período histórico daquele momento (após a Segunda Guerra Mundial, emergência de novos conflitos) e do desenvolvimento da técnica (no dizer de Milton Santos, 1996).

O uso de modelos, sistemas, da matemática e estatística permeiam este momento, havendo, tanto para Moreira (1983) quanto para Moraes (1981) certo empobrecimento da análise geográfica (neopositivismo), com o uso excessivo da matematização, a partir do uso de novas técnicas e instrumentos de análise (inclusive o computador). A preocupação volta-se para as perspectivas futuras (tendências) e o planejamento foi largamente difundido.

No início da década de 70 há o lançamento, na França, da obra de Yves Lacoste ("A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra"). Lacoste empreende uma severa crítica ao desenvolvimento da Geografia, discorrendo sobre a Geografia dos Estados Maiores e sobre a Geografia dos Professores. A primeira estaria fundada no interesse estratégico/geopolítico/militar, enquanto a Geografia dos Professores transmitiria nas escolas (à sociedade) apenas as idéias de interesse do Estado (portanto, toda uma discussão envolvendo a relação Estado/Sociedade/Geografia/Ideologia).

A partir deste momento iniciou-se o movimento de renovação do pensamento geográfico (Geografia Crítica ou Radical). Há diversos questionamentos teóricos, metodológicos, sendo que a partir daí haverá a utilização de métodos como: o materialismo histórico e dialético (influência marxista reforçada posteriormente com a obra do filósofo Henri Lefebvre), a fenomenologia.

Houve todo um debate sobre a dicotomia sociedade/natureza, produção e apropriação do espaço, sobre a Geografia trabalhar tais dimensões de forma fragmentada quando, na verdade, o espaço é expressão da totalidade; há inclusive a discussão, derivada

da leitura de Marx, sobre a transformação da natureza pela sociedade através do trabalho, que originou a "Segunda Natureza".

Tais questões ainda hoje despertam grandes debates, como, por exemplo, através das linhas (paradigmas teórico-metodológicos) que apontam o Conservacionismo ou o Desenvolvimento Sustentável como caminhos a serem trabalhados na "discussão ambiental" feita pela Geografia.

Trabalhos recentes indicam que é preciso ir além, como a "tese" apresentada por José Wiliam Vesentini no XI Encontro Nacional de Geógrafos em Vitória da Conquista, Bahia, 1998, e a obra recente de Milton Santos (*A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, 1996).

Santos (1996) aponta ser preciso entendermos o espaço geográfico como constituído por um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, sendo necessário resgatar a questão da técnica, das normas, dos eventos, da divisão social e territorial do trabalho, da relação espaço-tempo (trabalhando estas duas dimensões de modo conjunto, estabelecendo períodos e periodicidade na análise do espaço), o desenvolvimento técnico-científico-informacional (que aponta para novas relações entre sociedade/natureza) e que abriu novos caminhos para trabalhar com os conceitos-chave da Geografia (espaço, território, região, paisagem e lugar).

Sobre a questão sociedade/natureza o autor destaca que a discussão sobre a "Segunda Natureza" deve ser revista e ampliada, pois hoje teríamos que discutir o trabalho do homem não sobre a "Primeira Natureza", mas sobre o trabalho do próprio homem (as heranças deixadas no espaço pela produção anterior).

Portanto, longe de consensos, a Geografia abordou, ao longo de seu desenvolvimento, sociedade e natureza de formas diferenciadas, sendo que a visão de mundo (relativa, inclusive, à arte e à filosofia), o momento histórico, as outras ciências, influenciaram tais discussões.

Hoje novos debates são propostos e ainda parecemos distantes de resolver questões, tão caras ao pensamento geográfico.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1992. 143p.
- BOLY, Fernand. **A cartografia**. Campinas: Papirus, 1990. 136p.
- LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988. 263p.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981. 138p.
- MOREIRA, Rui. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 113p. (Coleção Primeiros Passos, v.48).
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.